



Equipas de Nossa Senhora

“DEIXANDO TUDO, ELAS O SEGURAM”

1. O Casal Contemplando o Rosto do Cristo encarnado

Jan e Peter RALTON
Super Região da Oceania

Melbourne 2002

Para refletir sobre este tema, nós precisamos primeiro perceber o que torna o casal diferente do indivíduo. O que torna diferente o entendimento da humanidade do Cristo pelo casal?

No casamento religioso, os casais que consideram cuidadosamente o que isto significa, reconhecem que Cristo está de fato presente no seu matrimônio. Baseiam o seu comprometimento no exemplo da aliança de Deus, onde o amor é incondicional, onde os interesses do outro são colocados antes das suas próprias necessidades. As qualidades interpessoais de fidelidade (estar com) e do perdão (ser para) são as marcas do matrimônio cristão e da aliança divina.

Onde é que encontramos na vida este tipo de compromisso? É na relação entre irmãos e irmãs, entre pessoas que cresceram juntas e que partilham numerosas experiências similares? Não o cremos. É no amor da criança para com os pais que lhe proporcionaram o nascimento, que o alimentaram, que o ajudaram no aprendizado e assistiram o seu crescimento e, eventualmente, a encorajaram a encaminhar-se para uma vida plenamente independente? É no amor de um amigo? Também não o pensamos verdadeiramente.

É por meio das nossas experiências de vida que aprendemos as maiores lições e é nessas lições pessoais que se baseiam as nossas reflexões. Podemos ter teorias sobre todas as espécies de assuntos, mas até experimentá-los seremos limitados pela nossa imaginação. Após a morte da sua mãe, uma amiga nossa fez esta pergunta: “Por que é que não me disseram quanto isto é horrível?” Mas como explicar o inimaginável?

Nós pensamos que o amor dum casal se aproxima do amor desinteressado, prometido na aliança de Deus.

Quando um casal contempla o rosto humano do Cristo, ele vê a sua experiência de compromisso do amor divino, mas também o lado humano desta experiência. A sua compreensão do Cristo reflete-se de várias maneiras, pelo dom do amor, do qual se faz a experiência no cotidiano. Há altos e baixos, mas mantém-se constante. Há uma beleza que não pode ser vista por todos e que contém uma profundidade do perdão que ninguém, a partir do exterior, poderá racionalizar.

Para nós, enquanto casal, o ensinamento da Igreja de que o marido deve amar a esposa como Cristo ama a Igreja e que sua esposa, em reciprocidade, deve amar como a Igreja ama Cristo, vai de uma teoria para um fato. É uma experiência a ser considerada, refletida e saboreada. Os Pontos Concretos de Esforço têm nos ajudado neste entendimento.

É apenas quando experimentamos o milagre da criação, que uma nova dimensão do amor nos é oferecida. O amor torna-se acessível, estava multiplicado no dom. O crescimento dum primeiro filho no útero era uma nova experiência, mas permanecia sempre um grande mistério. Foi só quando ocorreu o nascimento do nosso primeiro filho, pequeno ser vivo, com os olhos da mãe e o temperamento do avô que tivemos a vaga idéia de ter criado alguma coisa que é tão surpreendente como única. Era uma experiência duma profundidade e duma riqueza única. O amor pelo nosso filho parecia transbordante, mas continuava a aprofundar-se, apesar

de então pensarmos que isso era impossível. Mais uma vez as barreiras eram removidas e a nossa compreensão do amor incondicional era aprofundada.

Mesmo que não o tenhamos experimentado pessoalmente, temos encontrado casais sem filhos, capazes de desenvolver o mesmo amor por crianças e, em alguns casos, por crianças deficientes, que não são suas, mas pelas quais se sentem responsáveis.

Para que um casal compreenda esta dimensão, tem de observar a grande humanidade de Cristo. Ele que com capacidade de amar infinitamente superior à nossa, se oferece a nós livremente e sem limites, e esta realidade não pode ser encarada superficialmente. Isto dá um sentido à Trindade: partir da nossa experiência do amor e do perdão para nos levar a compreender onde estão as raízes do amor.

Isto lembra as maravilhosas palavras de Isaías (49,15):

*“Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito?
Não se compadecerá ela do filho do seu ventre?
Ainda que as mulheres se esquecessem,
eu não me esqueceria de ti.”*

Tal como Maria e José com certeza o experimentaram, o amor pela criança evolui ao mesmo tempo que ela. No começo, o nosso menino é muito dependente, mas com o tempo temos de lhe dar campo para que ele, por si só, faça a sua experiência de vida. Para nós, a comoção do primeiro passo era o começo duma nova liberdade e o símbolo de poder ir do conhecido para o lado excitante do desconhecido. O desejo de proteger a criança teve de ser suplantado, pouco a pouco, e substituído pela necessidade de tudo experimentar, como aprendizagem. A vida já nos tinha ensinado que se essas lições nem sempre são as mais fáceis, são todavia muito válidas e a realidade de cada um é sempre baseada na experiência.

A nossa Equipe assistiu, um dia, a uma conferência feita pelo Cardeal Martini, sobre o filho pródigo. O nosso Conselheiro Espiritual estava admirado e estarecido pelo amor total do pai preparado a correr o risco do ostracismo para acolher o filho. O resto da equipe, todos pais de numerosos filhos, não acharam isso extraordinário. Tinham todos experimentado, de diversas maneiras, o fato de acolher um filho. Este amor é tão instintivo como o respirar e amadurece pela contemplação e pela experiência. O amor incondicional do Cristo nos ensina a cultivar este amor, aconteça o que acontecer.

É um verdadeiro dilema para nós, hoje, observar os nossos filhos tornarem-se adultos racionais e, entre os seus pares, levarem uma vida, segundo o modelo cristão de amor e de caridade sem a influência da igreja tradicional. São bons cidadãos e não críticos, mas não assumem compromissos. Sabem que ainda não encontraram o que procuram na Igreja. Acham, com frequência, que as suas necessidades espirituais estão insuficientemente alimentadas. Foram ensinados a pesquisar os fatos, a vê-los sob vários pontos de vista, sobre eles, e gradualmente elaborar a sua própria opinião. As gerações precedentes aceitavam, mais facilmente, o saber de experiência feito pelos mais velhos, os jovens têm uma abordagem diferente. São lentos a comprometer-se, primeiro recolhem as informações e as processam, a seguir recolhem mais informações e processam novamente. As convicções são demoradas e difíceis de obter.

A uma mãe que se queixava ao seu pároco de que o filho tinha perdido a fé, o padre respondeu-lhe: “Não, minha senhora, ele perdeu foi a vossa fé e deve ainda encontrar a sua própria.”

Chegou o tempo em que devíamos aceitar que os nossos filhos, tal como nós mesmos antigamente, aprendem a vida através da experiência de vida. Podem visualizar as coisas muito mais facilmente do que nós podíamos. Aspiram a viver num tempo de evolução rápida. Vivem num mundo em que a insegurança faz parte do cotidiano e a lealdade é uma mercadoria negociável. Viram os seus pais lutar pela conquista do seu bem estar, o que pessoalmente eles consideram inaceitável. Olham o planeta como um tesouro a ser valorizado e onde o estrago feito pela nossa geração é, no mínimo, uma ignorância, ou atitude criminosa. Conheceram a perda de amigos, por acidente, overdose ou suicídio. São demorados no confiar, resultado dos falsos valores que eles vêem todos os dias. Num mundo onde o desemprego existe, os que têm um trabalho têm de lutar constantemente para colocarem a sua empresa na dianteira. A empresa acha que comprou os direitos sobre o tempo dos seus empregados, em detrimento da sua saúde e vida de família. Há também um medo não reconhecido, decorrente da insegurança geral, que se tornou patente, desde os acontecimentos de 11 de Setembro.

Como é que isto se articula com o magistério da Igreja, com a nossa vivência e com o rosto encarnado de Cristo que nos desafia e que no entanto compreende a nossa fragilidade cotidiana? Somos chamados a nos interrogar como é que Ele reagiria, como homem.

Como é que reagimos quando os nossos filhos crescidos querem viver uma relação adulta, sem quererem um compromisso para a vida? A resposta é fácil, quando a experiência é breve. E se falássemos duma relação de longo prazo? O que é que se passa, se eles crêem, graças à sua própria experiência, o seu senso de justiça e a sua falta de confiança, que é necessário “experimentar antes de comprar”? Respondemos que não é aceitável, que não o permitimos? Ou então respondemos que essa não é a nossa maneira de agir, mas que, se isso os torna felizes, não interferimos? Ou, pelo contrário, dizemos que os ajudaremos, pois confiamos neles enquanto adultos e que respeitamos a sua decisão? Ou de fato não reagimos para ter paz?

Todos estes elementos devem ser considerados com a imagem de Cristo humano. Em que a oração é partilha da experiência? Em que a consideração da liberdade se torna uma experiência vivida e partilhada com as suas emoções, decepções e sonhos não realizados? Em que a diferença entre escolher e ver os outros escolherem proporciona emoções muito diversas? Aqui é um momento de refletir sobre o dom da liberdade, o valor deste dom para o doador e, sobretudo, o respeito de quem recebe.

Que teria feito Cristo nestas circunstâncias? Como é que Ele agiria face ao Seu povo? Temos de olhar mais uma vez para o seu comprometimento, para o seu presente de amor sem falhas.

Uma nova dimensão para nós consiste em definir o nosso papel no desenvolvimento da fé dos nossos filhos em idade adulta. A realidade da vida para eles é bem diferente da que foi para nós. Temos observado o dilema dos nossos amigos, quando os seus filhos utilizam a ciência para controlar os nascimentos e que mais tarde decidem de repente modificar o seu relógio biológico, os divórcios nas nossas famílias e a homossexualidade. Em relação aos pais dum casal separado ou divorciado, observamos a ferida muito profunda e a ambigüidade entre as regras da Igreja e o bem-estar dos seus filhos.

Perguntamo-nos o que é que a vida nos reserva. Quando nos tornamos pais, fizemos projetos e tivemos sonhos que nunca se realizarão. Temos de rever a nossa maneira de pensar para permitir aos nossos filhos atingirem os seus objetivos. O crescimento para nós é a adaptação a esta evolução. Da mesma maneira que nos deram o poder de orientar as nossas próprias vidas, devemos nos mostrar generosos para com os nossos filhos, permitindo-lhes a descoberta do seu destino.

Evoluímos numa fase em que nos encontramos de novo os dois sozinhos, mais fracos fisicamente, mas mais ricos em experiência. Lutamos para compreender um mundo economicamente racional, em que não há valores relativos à vida e à experiência humana. Um mundo em que expressões como “limpeza étnica”, “perda de confiança” e “fogo amigo” são utilizados para esterilizar a humanidade do homem em relação a ele mesmo. Entre as nações existem extremos de riqueza, pobreza e de tudo entre estes extremos. O estilo extravagante da vida corrente em certos países, comparada com a luta pela sobrevivência noutros, é alarmantemente inaceitável.

A experiência de Madre Teresa nos diz: “Na sagrada comunhão, encontramos Cristo na forma de pão. No nosso trabalho, encontramos-Lo no sangue e na carne. É o mesmo Cristo.” Que ensinamentos podemos extrair do nosso conhecimento da vida de Cristo na terra e das Escrituras que nos permita ser disponível onde Ele nos conduz?

A oração e a meditação podem ser curativas para os que procuram compreender este mundo perturbado. A nossa experiência humana de amor nos permite uma nova fé e entrever um vislumbre do amor divino. É uma oferta gratuita, inestimável e sem condições. Continuamos a descobrir novas dimensões do seu amor, na medida em que somos capazes de contemplar a humanidade de Cristo, à luz das nossas vidas como casais.

* * *